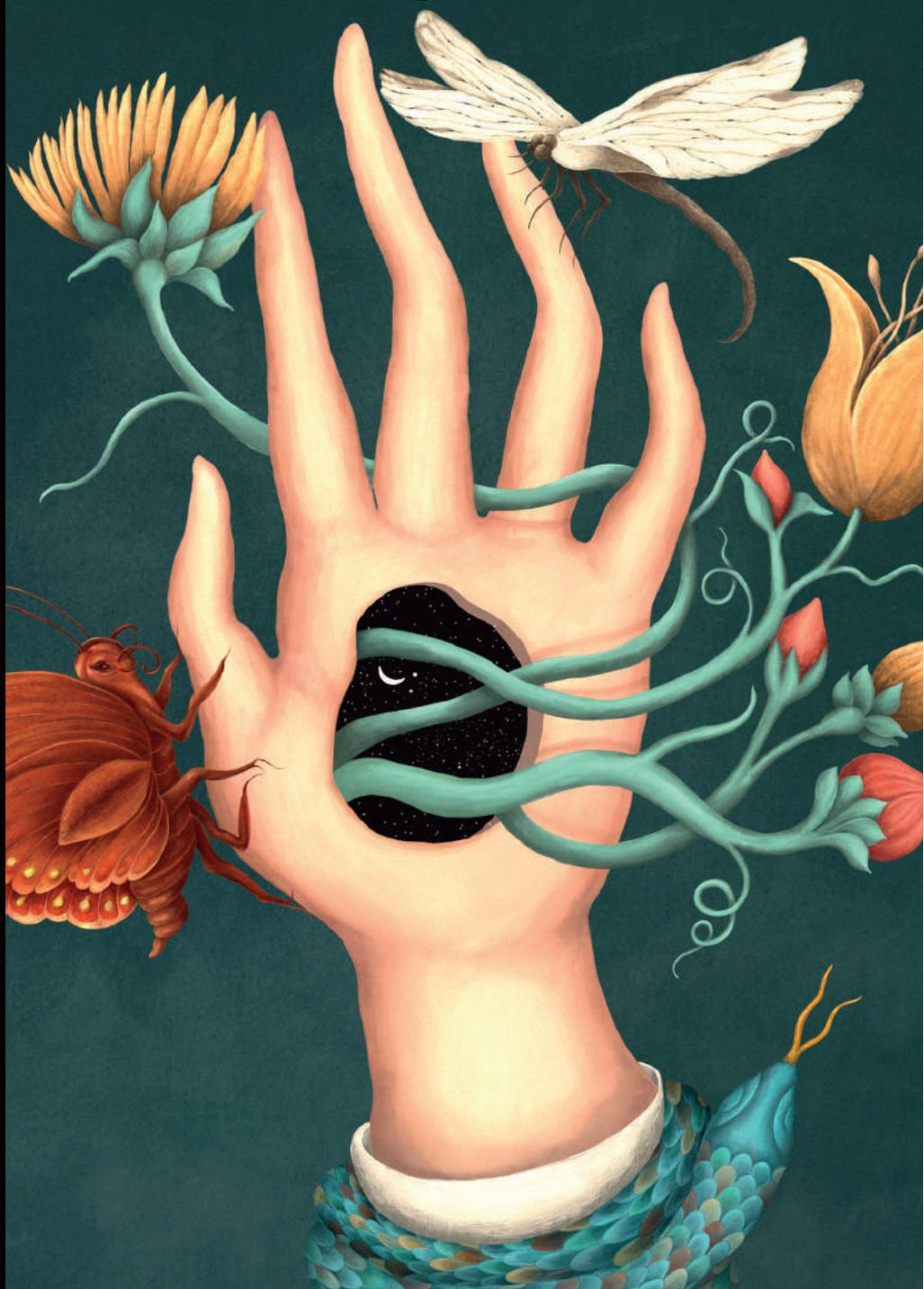


ALFAGUARA

Karina Sainz Borgo
O terceiro país



Tradução de Vasco Gato

Cheguei a Mezquite à procura de Visitación Salazar, a mulher que sepultou os meus filhos e me ensinou a enterrar os dos outros. Fui até ao fim do mundo, ou onde julguei que o meu terminara. Encontrei-a certa manhã de maio ao pé de uma torre de gavetões. Estava vestida com umas calças de malha vermelhas, botas de trabalho e um lenço colorido atado à cabeça. Uma coroa de vespas esvoaçava à sua volta. Tinha o aspeto de uma Virgem de pele morena, perdida numa lixeira.

Naquele terreno ressequido, Visitación Salazar era a única coisa viva. A sua boca com lábios escuros escondia uns dentes brancos e quadrados. Era uma negra bonita, bem-disposta e rechonchuda. Dos braços, grossos de tanto rebocar os túmulos, pendiam sacos de pele aos quais o sol puxava o lustro. Em vez de carne e osso, parecia feita de óleo e azeviche.

A areia tisonava a luz e o vento feria os ouvidos; um queixume que brotava das gretas abertas na terra que pisávamos. Mais do que brisa, essa aragem era uma advertência, uma poeirada densa e alheia como a loucura ou a dor. Era assim o fim do mundo: aquele montão de pó feito dos ossos que íamos deixando pelo caminho.

À entrada estava pendurado um cartaz pintado a trincha: **O TERCEIRO PAÍS**, um cemitério sem lei, ao qual iam

parar os mortos que Visitación Salazar enterrava a troco de gratificação, e às vezes nem isso. Quase todos os que ali repousavam nasceram e morreram na mesma data. Os seus túmulos pobres tinham sido inscritos com gatafunhos em cima de cimento fresco: a letra acidentada dos que nunca descansarão em paz.

Visitación nem sequer se virou para olhar para nós. Estava a falar ao telefone. Com a mão esquerda segurava o aparelho; com a outra, umas flores de plástico que afundou na argamassa acabada de bater.

— Sim, meu doce, estou a ouvir-te!

— Angustias, tens a certeza de que esta mulher nos vai receber? — perguntou Salveiro.

Assenti.

— Estou a ouvir-te, boneca! — continuou ela, à sua maneira. — Estou a dizer-te que há falta de sepulturas! Aiiii! Está-se a perder o sinal...! — insistiu, tragicómica.

— Esta mulher não pára de falar... — resmungou ele.

— Cala-te, Salveiro!

— Diga lá a esse homem para esperar! — gritou a mulher, dirigindo-se, finalmente, a nós. — Os mortos são pacientes! Os mortos não têm pressa!

Outra rajada de vento abrasou-nos a pele. A terra de Mezquite era uma frigideira coberta de cardos e pranto, um lugar onde não era preciso pôr-se de joelhos para fazer penitência. A que nos levara até lá já era suficiente.

Era assim O Terceiro País, uma fronteira dentro de outra onde se juntavam a serra oriental e a ocidental, o bem e o mal, a lenda e a realidade, os vivos e os mortos.

A peste e a chuva vieram juntas, como os maus presságios. As cigarras pararam de cantar e um tumor de pó formou-se no céu até descarregar gotas de água castanha. Ao contrário dos males que sofremos em tempos, este despedaçou as nossas recordações e desejos.

A peste atacava a memória, confundindo-a primeiro e debicando-a a seguir. O contágio dava-se a grande velocidade e quanto mais avançada fosse a idade do doente, pior era o efeito. Os velhos caíam como moscas. Os seus corpos não resistiam à broca das primeiras febres. Disseram ao início que se transmitia pela água, depois pelos pássaros, mas ninguém era capaz de explicar o que quer que fosse sobre essa epidemia de desmemória que transformou toda a gente em fantasmas e encheu o céu de abutres. Tornou-nos ineptos até que nos cobriu de medo e esquecimento. Andávamos sem rumo, perdidos num mundo de gelo e febre.

Os homens vinham para a rua esperar. O quê? Nunca soube.

Nós, mulheres, fazíamos coisas para afugentar o desespero: apanhávamos comida, abríamos e fechávamos janelas, trepávamos aos telhados e varriámos os pátios. Paríamos a fazer força e a gritar como loucas às quais ninguém oferecia água sequer. A vida concentrou-se em

nós, naquilo que até então tínhamos sido capazes de reter ou expulsar.

O meu marido também contraiu o mal, mas demorei a aperceber-me. O seu carácter confundiu-se com os primeiros sintomas. Salveiro falava pouco, era reservado e não sentia curiosidade nenhuma para lá dos seus próprios assuntos. Quando o conheci, trabalhava na oficina de pneus da sua família, desapertando porcas com uma chave de cruz ou estendendo-se junto de um macaco hidráulico para arranjar uma avaria qualquer nas tripas de um camião escangalhado. Eu passava diariamente diante do estabelecimento enegrecido sem prestar atenção ao que acontecia no interior. Se lá entrei foi porque precisava de lubrificante de motor para amaciar as fechaduras de casa: uma lata de *Tres en Uno*, qualquer coisa que servisse para lubrificar os trincos, mas Salveiro ofereceu-se para lhes dar uma olhadela.

— Não são os ferrolhos. É a madeira. Está carcomida pelas térmitas, é por isso que as portas não fecham, estás a ver? — Mostrou-me um pozinho de aparas e serradura.

Regressou nessa mesma semana para inspecionar o telhado e o resto da casa. Percorreu-a por inteiro. Esta viga tem mosquitos, as pernas da mesa estavam mal cortadas ou esta cadeira mal serrada. Andava de um lado para o outro com um martelo de carpinteiro. Lixava aqui e martelava ali. Tudo aquilo em que tocasse deixava de estalar ou de ranger, como se ele reparasse as coisas só de olhar para elas.

— Angustias, quem é este?

— O filho do vendedor de pneus, pai. Veio cá arranjar as traves e os caixilhos das janelas.

Após cada visita, convidávamo-lo para uma cerveja para agradecer o transtorno. Ele sentava-se debaixo do tamarindeiro e deixava que o interrogassem.

— Porque é que não abandona a mecânica e se dedica a isto? Tem muito jeito — insistia o meu pai, mas Salveiro ia bebendo sem responder. — A Angustias tirou um curso profissional de cabeleireira. Experimente um assim; depois de receber o diploma de carpinteiro, poderá ficar à frente da sua própria oficina de marcenaria.

— Eu acabei de abrir um salão de beleza — interrompi, para chamar a atenção. — Fica a duas ruas daqui. Queres vir cortar o cabelo e conto-te os requisitos para te inscreveres nos cursos?

Apresentou-se na manhã seguinte. Ia vestido com umas calças limpas e uma camisa acabada de passar a ferro. A sua pele lustrosa e bem perfumada distava muito daqueles braços sempre sebentos de óleo e lubrificante. Depois de lhe esfregar o cabelo com champô e amaciador, levei-o para a cadeira, cobri-lhe os ombros com uma capa e cortei com a minha melhor tesoura. As madeixas caíam húmidas no chão.

Salveiro não fez o curso de carpinteiro, mas continuou a vir lá a casa três vezes por semana para trazer isto ou reparar aquilo.

— Angustias, filha, este homem parece um tronco, mas se tu gostas... — disse-me o meu pai ao ouvido antes de sorrir para a única fotografia que tirámos, à porta do tribunal onde nos casámos.

O meu marido era um bom homem. Tinha jeito para a malandrice. Sabia tocar-me com a mesma paciência com que serrava a madeira. Não falava, mas a mim tanto me fazia. E o problema foi esse: não consegui imaginar que os seus silêncios tivessem algo a ver com a indolência que já percorria as ruas, uma nuvem de tédio que sepultou por completo a cidade.

A minha mãe batizou-me Angustias. Mais do que um nome, escolheu uma paulada. Para ela, o mundo sempre decorrera em silêncio. Por isso, quando alguém me chama, «Angustias!», penso no seu destino de mulher sem voz. Assemelho-me à sua surdez e à sua aflição. Sei aguentar. Estou preparada para a desgraça. Falo a sua língua.

Até ao nascimento de Higinio e Salustio, eu não pusera a hipótese de sair da cidade, mas as coisas correram mal. Os meninos tinham vindo ao mundo sete-mesinhos e com o coração doente. Juntos não perfaziam dois quilos na balança do hospital. As suas mãos pequenas e enrugadas mal se mexiam. Tinham as unhas roxas e os olhos cerrados. A vida pedira-os emprestados a caminho da morte.

Esperei três meses à frente de uma incubadora, a rezear o pior. Embora nada garantisse que os seus corações resistiriam, os médicos decidiram operá-los. Sobreviveram, enquanto a cidade continuava a desmoronar-se sob a chuva terrosa que cobria os passeios. Não queria que os meus filhos crescessem naquele vale-fantasma do qual toda a gente se ia embora.

— Vamo-nos embora!

Salveiro olhou para mim, mordido pela cobra do desânimo, e continuou a esgaravatar as peças de um liquidificador avariado.

— Quero ir-me embora — insisti.

— Achas que é assim tão fácil? — Pôs a chave de parafusos de lado. — Preparar uma viagem leva o seu tempo.

— Se quiseres, podes ficar. Eu vou-me embora.

Vendemos os móveis, a roupa de cama e as ferramentas, bem como os espelhos, as cadeiras e os secadores do cabeleireiro. Só conservei uma pequena tesoura de cortar o cabelo, que levei guardada no bolso e ainda hoje conservo. O dinheiro deu-nos para uma parte do bilhete.

Abandonámos a capital com os meninos amarrados às costas e empreendemos uma viagem de mais de oitocentos quilómetros, metade de autocarro e a outra a pé. Chegámos ao nosso destino depois de atravessarmos oito estados da serra oriental, além dos três que nos separavam de Mezquite, uma vila da fronteira com nome de um arbusto que serve para fazer carvão.

Levávamos apenas umas quantas moedas, três tangerinas e uma mochila com uma muda de roupa, dois biberões e os pacotes de leite evaporado que preparávamos nalgum regato. Pela Interestadual, uma estrada que cruzava a cordilheira central, ia avançando a coluna formada por nós, caminhantes. Era assim que chamavam aos que fugiam da peste.

Instalávamo-nos conforme podíamos e qualquer desfiladeiro era bom para lavar e cozinhar. Antes de retomarmos a marcha, eu prendia o cabelo para não incomodar os meninos com a fricção das madeixas. Prometi a mim mesma que não o cortaria até chegarmos ao nosso destino, onde quer que ele estivesse. Salveiro ia atrás de mim, enxotando os mosquitos às palmadas e apanhando pedaços de madeira que ia guardando nos bolsos. Eu sentia que o deixava um pouco mais atrás a cada dia que passava. Estava convencida

de que, se me virasse, o veria desmanchado no caminho como uma árvore comida pelas térmitas. Imaginei-me em muitas noites a acordar sozinha, no meio do nada, com duas crianças às costas. Sonhava que andava de gatas, transformada numa leoa capaz de decifrar no vento o lugar para onde fogem as gazelas.

As tendas montadas na fronteira pelos militares distinguíam-se muito ao longe. Era possível ver a um quilómetro de distância até o tumulto de gente que aparecia à procura de comida e medicamentos. Os que tinham dinheiro conseguiram partir de autocarro, o resto foi a pé, levando às costas o pouco que conseguia carregar. Pelos caminhos ficavam empilhados frigoríficos, candeeiros e panelas que outra pessoa apanhava para trocar por comida.

Quando chegámos ao primeiro controlo antes da ponte, um soldado parou-nos para inspecionar os documentos. Era jovem e magro, e tinha a cabeça mal rapada, cheia dessas tosquiadelas que deixa quem não sabe usar a máquina.

— Para onde vão? — Dirigiu-se primeiro a Salveiro.

— Para a serra oriental... — O meu marido parecia mais ausente do que o costume.

— Estamos na serra oriental, cidadão.

— Ocidental, queria ele dizer — interrompi. — Temos lá família. Vamos para que conheçam os nossos filhos.

O cabo olhou para mim, descrente. Entreguei-lhe o meu bilhete de identidade e Salveiro o seu. Também mostrei as certidões de nascimento, mas ele mal as leu. Toda a sua atenção estava concentrada nos gémeos. Olhava para eles com curiosidade. Primeiro para Salustio, que ia ao colo do meu marido, e depois para Higinio, que estava a dormir com a cabeça apoiada no meu ombro.

Interessou-se pelas suas idades. Expliquei-lhe que tinham nascido antes do tempo e que por isso pareciam mais pequenos. Assentiu e examinou os documentos pela última vez. A sua mulher acabara de dar à luz uma menina, prematura também, explicou enquanto apontava os nossos nomes num bloco de notas.

— Como se chama? — perguntei.

— Quem?

— A sua filha...

— Ainda não tem nome.

Entrou na guarita e voltou com um salvo-conduto para atravessar a fronteira.

— Vão com Deus. — E estendeu-nos o papel.

Foi assim que eu, Salveiro e os meninos nos afastámos. Deus nunca se decidiu a acompanhar-nos.

Os meus filhos morreram em Sangre de Cristo, o primeiro casario depois de se cruzar a serra oriental. Abandonaram este mundo pela mesma ordem em que chegaram. Higinio primeiro e Salustio depois. Levei-os a três hospitais à procura de um milagre, mas ninguém conseguiu fazer nada por eles.

Envolvemo-los em toalhas e foi assim que os transportámos até arranjarmos umas caixas. Eram tão pequenos que cabiam os dois numa, mas isso não nos dava o direito de os apertar como sapatos. Salveiro quis deixá-los na morgue até que conseguíssemos reunir algum dinheiro para os enterrar, mas eu recusei. Estavam mortos, mas eram os meus filhos, e não ia deixá-los empilhados numa arca frigorífica cheia de cadáveres sem nome. Na morgue, colada com fita plástica por cima da porta de uma câmara ferrugenta, encontrei uma nota: «Vinte e cinco fetos, sete para inumar em saco.» Estava escrita a marcador preto.

Se trouxe os meus filhos até cá foi pelo mesmo motivo por que me fui embora com eles amarrados às costas. Achei que conseguia salvá-los da doença e do esquecimento, embora em vez de os afastar da morte só os tenha escoltado até ela. À noite, quando os caminhos se enchiam de ladrões e sacanas, procurávamos lugar nalgum albergue,

que por esses dias apareceram por todo o lado. Não eram seguros, mas serviam para aliviar o cansaço.

Nesses barracões, feitos com tijolos de ventilação e telhados de zinco, amontoavam-se mulheres e bebês enfebrecidos pela fome. Além de idosos desorientados, abandonados pela família antes da travessia, e crianças cujos pais tinham desaparecido no caminho. Os órfãos que não morriam transformavam-se em delinquentes menores ou moços de recados de outras famílias em troca de uma gorjeta. Eram almas incompletas, transeuntes entre um mundo e o seguinte.

Muito poucos dos que realizavam a travessia sabiam o que iam enfrentar. Andavam horas a fio, protegidos apenas com mantas. Ao cair a noite, e se calhassem a arranjar vaga, desabavam em enxergas e colchões de ar, esfomeados e congelados pelo frio do páramo, que nessa altura do ano castigava a fronteira com inclemência.

Numa rua da última cidade da serra oriental, uma mulher da minha idade ia cantando com uma menina de oito ou nove anos ao colo. Às vezes passava alguém e atirava umas moedas para o cesto de verga aos seus pés. A criança remexia-se, prestes a chorar. A mãe parava então de cantar, dava-lhe uma mordidela nos dedinhos e sibilava para que ela adormecesse outra vez. Eu não tinha moedas para lhe dar, nem filhos para proteger. Os meus dormiam um sono profundo e irrevogável em caixas de sapatos.

No abrigo, escondi-os debaixo da manta, e uma desgraçada tentou levá-los. Lancei-me a ela e puxei-lhe os cabelos, a única coisa que consegui agarrar na escuridão. Ela contorceu-se até se safar com uma das caixas. Quando a tampa de cartão caiu ao chão, ela deu um salto com o susto. Os seus olhos, afundados nas órbitas violeta,

refulgiam com desespero: estava à procura de algo para revender, um par de sapatos porventura, mas encontrou uma criança morta.

Quando recuperei a caixa, vi que ela levara o dinheiro que nos restava e o salvo-conduto para atravessar a ponte. De pé, diante da porta aberta, vi-a afastar-se rua abaixo. Eu segurava ainda uma madeixa sua na mão.

O maior mercado negro da fronteira funcionava a trinta quilómetros de Sangre de Cristo: Cucaña, um bazar ao qual mães, avós e filhas iam vender o seu cabelo. Entravam com as cabeleiras apanhadas em carrapitos e saíam tonsuradas, empunhando notas que mal davam para três pacotes de arroz.

O cabeleireiro mais concorrido chamava-se Los Guerreros, um local sujo atendido por uma dezena de empregadas com ar de tosquiadoras. Lá fora, cerca de cinquenta ou sessenta pessoas esperavam a sua oportunidade como quem guarda a vez para entrar num matadouro. Los Guerreros tinha o aspeto de um barracão: um estabelecimento sem lavatórios de cabeça e com uma fileira de cadeiras de plástico.

— Damos-te sessenta pelo teu; pelo da tua mãe, menos.

— Como assim, menos?

— Vinte. É cabelo velho e sem brilho, uma penugem sem valor.

— Só sessenta? Mas eu tenho uma cabeleira tão comprida — queixou-se ela.

— É o que estamos a pagar hoje. Se não gostas, vai aqui ao lado — rematou a empregada. — Próxima!

Abeirei-me para ouvir melhor, e todas se viraram para contemplar a minha trança, que já então me dava pela cintura.

— Por um assim como o dela — apontou para mim com a tesoura — pagamos um pouco mais.

— Quanto? — perguntei.

— Oitenta.

Juntei-me à fila entre os murmúrios do resto das mulheres. Observavam-me como se trouxesse um diadema de ouro. Tive medo de que me arrancassem o cabelo para serem elas a cobrar o dinheiro que me dariam por ele, mas não arredei pé porque estávamos a precisar do graveto. Depois do roubo, não tínhamos sequer para comprar bolachas ou água. Duas horas mais tarde, entrei.

As cabeleireiras cortavam o cabelo como se fossem crinas de cavalo. Esticavam as madeixas com um pente e afundavam a tesoura o mais rente possível ao crânio, para não desperdiçar um fio sequer.

— Assim não — corrigi. — Deve começar pela parte de trás e continuar pelos lados.

— Vais tu ensinar-me? Isto não é um salão de beleza!

— Deixe-me ser eu. Eu sei fazer.

Tirei a minha tesoura do bolso. Encaixei o polegar e o indicador nos aros e cortei. As madeixas desprenderam-se como pedaços de corda rasgada para cima do papel de jornal que me tapava os joelhos. Ao terminar, levantei-me sem me olhar ao espelho e avancei até à caixa registadora onde uma mulher ia tirando notas de uma caixa metálica.

Pagaram-me setenta, menos dez do que me tinham prometido. Peguei no dinheiro e saí.

Depois de *Cai a noite em Caracas* — romance que catapultou Karina Sainz Borgo para um lugar cimeiro da literatura contemporânea —, *O terceiro país* confirma uma escritora em pleno domínio da arte narrativa e da imaginação.

«Cheguei a Mezquite à procura de Visitación Salazar, a mulher que sepultou os meus filhos e me ensinou a enterrar os dos outros.»

Angustias Romero e o marido fogem da peste, a caminho das montanhas e da ansiada segurança no país vizinho; levam, atados às costas, os dois filhos ainda bebés. À sua volta, apenas miséria, calor e poeira. Os gémeos não sobrevivem à viagem, e Angustias é abandonada pelo marido.

Na fronteira, Angustias chega ao Terceiro País, um cemitério ilegal vigiado pela mítica Visitación Salazar. Contra a oposição dos barões da droga e da violência, a coveira garante aos sem-terra o eterno descanso. É aqui que Angustias encontra finalmente lugar para os filhos. Determinada a ficar sempre perto deles, junta-se a Visitación na sua luta, numa terra onde a lei é ditada por quem empunha as armas, e o tempo é marcado pelas festas e os misteriosos brinquedos que alguém deixa na campa das duas crianças. O perigo e a violência ameaçam implodir a qualquer momento, esbatendo os limites entre a vida e a morte.

N' *O terceiro país*, história poderosa de fuga e esperança, Karina Sainz Borgo mistura com mestria o mistério e a realidade, a tragédia clássica e a narrativa contemporânea, confirmando a sua pertença à vibrante nova geração literária latino-americana.



«Uma escritora que domina a linguagem de modo a extrair sensações que cheiram a podre e provocam náuseas; e que movimentam as personagens quase em câmara lenta, apesar do ritmo acelerado da história e da luta corpo a corpo nos diálogos talhados a golpe de faca. Não há aqui introspeções psicológicas, nem concessões líricas, nem realismos mágicos — ainda que haja uma poeira onírica a cobrir cada página.»

La Vanguardia



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897848735



9 789897 848735 >